

AMPLIANDO PERSPECTIVAS: UMA PROPOSTA DE USO DAS TECNOLOGIAS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA¹

Camila dos Santos PEREIRA²

(caamilasantos@hotmail.com – UFCG)

Marco Antônio M. COSTA³

(marcoantoniomcosta@gmail.com – UFCG)

RESUMO

Por intermédio das redes sociais, as pessoas tornam suas vidas privadas em públicas, consomem informações e, simultaneamente, produzem seus próprios conteúdos. Se as redes sociais, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) de forma geral, estão presentes na vida social contemporânea de todos, por que não aliar o seu uso ao processo de ensino e aprendizagem? Parece-nos que ainda há um descompasso entre escola e sociedade e certa resistência por parte dos professores em utilizar esses novos recursos por receio de não saber como utilizá-los na sua prática pedagógica. Acreditamos que investigar a aplicabilidade dos recursos tecnológicos na sala de aula deve fazer parte da formação inicial e continuada dos professores, uma vez que eles são uma ferramenta disponível para auxiliá-los. Portanto, este trabalho pretende apresentar algumas reflexões acerca de como a criação de um grupo no *Facebook* pode viabilizar a prática pedagógica do ensino de LI. Compreendemos que implementar as mídias digitais no cotidiano escolar pode contribuir na elaboração dos seus currículos. Baseamo-nos em estudos desenvolvidos por Lankshear e Knobel (2003), Monte-Mór (2009, 2012) e nas contribuições de Kumaravadivelu (2012), que problematiza quais perspectivas devem ser repensadas na formação de professores de línguas para que elas possam atender as demandas da sociedade globalizada. Com base nesses estudos, analisamos como foi desenvolvida uma das atividades que foram

¹ Este trabalho está relacionado a uma pesquisa de mestrado (em andamento) que tem como objetivo central investigar os efeitos da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) nas aulas de LI de um professor da rede pública de ensino.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

³ Professor Adjunto da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

realizadas em um grupo no *Facebook* chamado *FunEnglish*, no qual participam o professor de língua inglesa e alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola da rede pública de ensino da cidade de Juazeirinho-PB. Percebemos que a utilização das TIC por meio do *Facebook* nas aulas de LI fez com que o processo de ensino e aprendizagem pudesse ser realizado com maior interação e colaboração entre alunos e professores, como também pudemos ultrapassar os limites das paredes da escola.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Formação de Professores. Ensino de Língua Inglesa. *Facebook*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A vida pós-moderna foi fortemente influenciada pelos avanços tecnológicos e, principalmente, pela disseminação da *Internet*. Esta contribuiu de maneira significativa para o acesso à informação por pessoas que estão tão distantes e tão próximas ao mesmo tempo. As fronteiras de espaço e tempo estão cada vez mais estreitas. As pessoas recebem informações de todos os lugares rapidamente e são afetadas por eventos que acontecem ao redor do mundo com pessoas com culturas, ideias e valores diversos.

Por intermédio das redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, as pessoas tornam suas vidas privadas em públicas, consomem informações e, simultaneamente, produzem seus próprios conteúdos. Se as redes sociais, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) de forma geral, estão presentes na vida social contemporânea de todos, por que não aliar o seu uso ao processo de ensino e aprendizagem? Parece-nos que ainda há um descompasso entre escola e sociedade. Coracini (2003) aponta que ainda há certa resistência por parte dos professores em usar esses novos recursos por receio de não saber como utilizá-los na sua prática pedagógica. Acreditamos que investigar a aplicabilidade dos recursos tecnológicos na sala de aula deve fazer parte da formação inicial e continuada dos professores, uma vez que eles são uma ferramenta disponível para auxiliá-los.

Parte de uma pesquisa mais ampla a respeito do uso das TIC em aulas de Língua Inglesa (LI), este trabalho pretende apresentar algumas reflexões acerca de como a criação de um grupo no *Facebook* pode viabilizar a prática pedagógica do ensino de LI. Considerando que o desenvolvimento das mídias digitais na pós-modernidade influenciam todas as áreas da vida humana em sociedade, compreendemos que implementá-las no cotidiano escolar pode contribuir na elaboração dos currículos.

A escola, enquanto instituição responsável por formar cidadãos críticos e reflexivos, não pode ficar à parte das mudanças que estão ocorrendo na sociedade globalizada. Com isso, surge a necessidade de o professor desenvolver seu senso investigativo em relação à sua própria prática, analisando de quais formas ele pode implementar as TIC para que elas se tornem mais um recurso facilitador do processo de ensino e aprendizagem. O professor não deve encarar as TIC como ferramentas que podem substituir o seu trabalho ou como solução para todos os problemas encontrados na sala de aula.

O professor consciente das constantes transformações na sociedade, crítico e reflexivo compreende que ele é um profissional em formação contínua, é um sujeito que busca o aprimoramento. Este professor primeiro identifica a realidade na qual a sua sala de aula está inserida, para depois realizar as escolhas didáticas possíveis. É flexível a partir do momento que está disposto a realizar as mudanças necessárias para poder abranger os saberes requeridos por um público específico. É um professor que se questiona sobre a necessidade de adaptações, sobre o material didático utilizado, os melhores procedimentos, técnicas e quais saberes são necessários na contemporaneidade.

Para a elaboração deste trabalho, baseamo-nos em estudos desenvolvidos por Lankshear e Knobel (2003) e Monte-Mór (2009, 2012) sobre a epistemologia de *performance*, também chamada epistemologia digital de, que explicam como proceder com o ensino de línguas sem a existência de modelos pré-concebidos na sociedade digital. Além disso, é observado como é possível construir o conhecimento através da

interação com as novas tecnologias e as novas formas de linguagem para que sejam formados trabalhadores críticos, criativos e com poder de decisão e iniciativa.

Ainda nos embasaremos nas contribuições de Kumaravadivelu (2012), uma vez que ele problematiza quais perspectivas devem ser repensadas na formação de professores de línguas para que elas possam atender às demandas da sociedade globalizada.

Com base em tais estudos, será analisado como foi desenvolvida uma das atividades que foram realizadas em um grupo no *Facebook* chamado *FunEnglish*, no qual participam o professor de língua inglesa e alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola da rede pública de ensino da cidade de Juazeirinho-PB. Através da criação desse grupo, procuramos verificar como o *Facebook* pode ser utilizado como mais um recurso didático disponível nas aulas de LI e quais saberes a inserção das TIC demandam do professor de língua estrangeira. Portanto, estamos buscando novas possibilidades pedagógicas que permitam uma maior interatividade entre professor e alunos, motivar a aprendizagem e reduzir as relações hierárquicas características do ambiente escolar.

1 MUDANÇAS EPISTEMOLÓGICAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

Com a revolução tecnológica ocorrida nos últimos anos, percebemos que as práticas letradas dos cidadãos se modificaram. As pessoas interagem umas com as outras instantaneamente por meio de aplicativos de mensagens que englobam textos multimodais. Cope e Kalantzis (2009) compreendem que os textos multimodais da contemporaneidade são aqueles que combinam o texto escrito, imagens, áudios, vídeos e outros modos de representação da linguagem que podem ser utilizados na construção do sentido. Nunca existiu na comunicação tanta flexibilidade e interatividade nos modos de se relacionar e nas práticas letradas tão diversas.

Mas além dos impactos provocados nas práticas de letramentos, as transformações na sociedade digital trouxeram profundas mudanças epistemológicas

nos currículos e nas pedagogias escolares. Lankshear e Knobel (2003) apontam que os currículos das escolas precisam refletir sobre quais áreas e quais tipos de conhecimentos devem ser considerados para que o ensino seja realmente significativo para os alunos. Monte-Mór (2012) também reflete acerca dos novos conhecimentos que são solicitados na contemporaneidade. A autora afirma que

Pessoas que vivem nas sociedades digitais desenvolvem, ou são exigidas ter, conhecimentos e habilidades multi e transdisciplinares, como condição de vivência numa nova ordem social, em que há novas regras, novas lógicas e novas formas de interação. Na eminência de situações ou conhecimentos novos para os quais muitas vezes ainda não há conhecimento sistematizado, uma das características da sociedade digital. (p. 172).

Professores precisam estar atentos para o que poderia ser ensinado na pós-modernidade e quais práticas precisariam ser modificadas para corroborar com as teorias mais atuais e para contemplar as necessidades desses alunos inseridos na sociedade digital.

Kumaravadivelu (2012) apresenta cinco perspectivas⁴ que foram criadas por um grupo de instituições de vários países chamado *The International Alliance of Leading Education Institutes*, fundado em um encontro em Singapura em 2007. Este grupo demonstra como essas perspectivas impactam a formação de professores no contexto global. Dentre as perspectivas apresentadas por Kumaravadivelu (2012), a perspectiva de pós-transmissão critica o modelo tradicional no qual o professor se posiciona como detentor do saber com a função de transmiti-lo para os alunos. A perspectiva também questiona os conteúdos e princípios teóricos que são previamente determinados e selecionados por especialistas, independente do contexto de atuação profissional.

⁴ Elas são: perspectivas pós-nacional, pós-moderna, pós-colonial, pós-transmissão e pós-método. As três primeiras se relacionam amplamente com o desenvolvimento histórico, político e sociocultural pelo mundo e as duas últimas referem-se mais estreitamente a formação de professores de línguas. (KUMARAVADIVELU, 2012, p. 2-3, tradução nossa).

Ademais, essa epistemologia tradicional não permite que os alunos construam o seu próprio conhecimento (op. cit. p. 8).

Na perspectiva de pós-transmissão, a cognição dos professores e suas crenças são exploradas. O professor legitima o seu conhecimento a partir da reflexão sobre experiências vividas e como elas podem contribuir nas decisões sobre qual é a melhor forma de ensinar os seus alunos, que estão situados socialmente, culturalmente e historicamente em um contexto (JOHNSON, 2006, p. 239 apud Kumaravadivelu, 2012, p. 8). Confia-se que os professores são capazes de criar novas formas de conhecimento e têm o poder de decisão sobre os conteúdos curriculares.

Podemos perceber o quanto é importante valorizar o contexto de ensino, pois este é responsável por modificar a prática. No contexto atual, sentimos a necessidade de sermos sensíveis para perceber como as tecnologias fazem parte da vida privada dos indivíduos e como também devem fazer parte da vida escolar. Além disto, precisamos ser criativos para saber como incluí-las no ensino de LI. Para isso, devemos buscar o conhecimento em cursos de formação inicial e continuada que possam nos auxiliar no desenvolvimento de um trabalho educativo que envolva tais ferramentas e que possam evitar o uso de velhas pedagogias com as novas tecnologias.

Outra perspectiva apontada por Kumaravadivelu (2012) é o pós-método que rejeita os modelos rígidos e os paradigmas metodológicos, pelo fato de que os métodos foram concebidos a partir de contextos idealizados que não representam as diversas situações encontradas em salas de aulas reais. O pós-método acredita na capacidade e na autonomia do professor para moldar o ensino e fazer as adaptações necessárias nos métodos, nos currículos e nos materiais existentes para que estes possam entrar em consonância com a realidade de suas salas de aula, como também confia que os professores têm competência para solucionar os problemas existentes. O professor autônomo e reflexivo é o principal agenciador de sua prática, podendo analisá-la e avaliá-la para realizar as transformações necessárias.

Os princípios evidenciados nos remetem às percepções de Lankshear e Knobel (2003) e Monte-Mór (2009, 2012) sobre como o professor precisa agir a partir das

mudanças percebidas na sociedade através da influência das tecnologias digitais. Monte-Mór (2012) argumenta que é necessário “saber construir conhecimentos que deem conta do novo fazer, na inexistência de conhecimentos disponíveis a respeito desse novo fazer” (p. 172).

Na pós-modernidade, é requerido do professor uma nova prática pedagógica, um novo fazer, na qual ele implemente as TIC para que a escola e a sociedade caminhem de mãos dadas e, da mesma forma, para que a escola possa contribuir na vida pública dos alunos, cooperando para a construção de novos conhecimentos e novas formas de interação exigidas recentemente. Ao mesmo tempo em que se exige do professor atualização e domínio das TIC para que elas possam ser implementadas nas aulas, não encontramos modelos metodológicos que possam resolver essa sensação de incompletude ou de incapacidade de utilizá-las para o ensino (CORACINI, 2003).

Lankshear e Knobel (2003) apontam que precisamos deixar de lado a epistemologia tradicional que promove a reprodução de saberes e assumir uma epistemologia de *performance* que se preocupa em “saber fazer na ausência de modelos e exemplos” (p. 173, tradução nossa). Desta forma, é possível que o professor quebre regras pré-estabelecidas e inove, visto que atualmente o conhecimento é construído através da interação com as novas tecnologias e novas linguagens. Em oposição ao que acontece na epistemologia tradicional, podemos perceber que a epistemologia de *performance* requer do indivíduo mais capacidade de criação, de negociação de sentidos e de senso crítico.

Mais importante do que aplicar uma metodologia ou transmitir conteúdos que foram estabelecidos nos livros didáticos, tornou-se necessário reexaminar as práticas conforme as transformações sociais e com o conhecimento adquirido fora da escola. Monte-Mór (2009) afirma que o objetivo do ensino de línguas estrangeiras deve ser redefinido para que, além do foco linguístico e instrumental, ele tenha o foco educacional, desenvolvendo cidadãos aptos para lidar com a pluralidade cultural e linguística.

Para o desenvolvimento deste trabalho, nos questionamos e nos preocupamos em como utilizar o *Facebook* nas aulas de LI sem termos encontrado modelos ou metodologias já disponíveis que pudessem nos ajudar no desenvolvimento das atividades propostas. A ideia de epistemologia de *performance* e as perspectivas de pós-transmissão e pós-método são mobilizadas na análise de dados.

2 CONSTRUINDO A PESQUISA NO AMBIENTE VIRTUAL

Conforme temos argumentado, a utilização das tecnologias, da *Internet* e das redes social durante o processo de ensino e aprendizagem colaboram para gerar práticas mais significantes que extrapolam os conteúdos já estabelecidos no currículo. Procurando investigar os usos feitos das tecnologias pelo professor durante as aulas de língua inglesa, optamos por uma pesquisa-ação de natureza qualitativa. É pesquisa-ação pelo fato de que faremos “uma intervenção em pequena escala no mundo real e um exame muito de perto dos efeitos dessa intervenção” (MOREIRA, CALLEFE, 2008, p. 90). Compreendemos que a pesquisa-ação é realizada em etapas: planejamento, ação, observação e reflexão.

Para planejar as atividades que foram postadas no grupo *FunEnglish* do *Facebook*, fizemos uma análise do livro didático (LD), observamos quais temas seriam abordados nas unidades do LD e selecionamos os temas que poderiam ser abordados através do grupo. Ao analisarmos o livro, nós tentamos selecionar os temas que poderiam chamar mais a atenção e que fizessem parte da cultura do aluno e que também houvesse a possibilidade de serem trabalhados pelo *Facebook*.

Para a realização das atividades, decidimos não abordar os aspectos gramaticais, pois estes poderiam ser abordados em sala de aula. O foco do LD no 9º ano é que o aluno adquira a compreensão escrita através de textos sobre temas atuais como música, filmes, tecnologia e televisão. Há a sistematização de conhecimentos gramaticais, mas em menor quantidade, se comparado com os livros das outras séries e da mesma coleção. Portanto decidimos trabalhar com atividades pelo *Facebook* que

exigissem dos alunos algum grau de compreensão e interpretação textual e que eles pudessem construir sentidos de forma ativa e criativa a partir da interação com o professor, com os colegas e com a *Internet*.

Enquanto realizávamos uma pesquisa na *Internet* sobre atividades que poderiam ser abordadas no grupo e que também estivessem relacionadas com as os temas propostos pelo LD, percebemos que a maior parte dos *sites* visitados que se propõem a ensinar ou ajudar na aprendizagem da LI apenas abordam os aspectos gramaticais da língua e que as atividades de leitura e compreensão textual são baseadas no modelo *bottom up*⁵(ascendente) de leitura.

Como atividades com este formato não se alinham com a proposta teórica que estamos apresentando neste trabalho, decidimos criar nossas próprias atividades, através de ferramentas oferecidas pelo computador e com o auxílio da *Internet*. Muito além de ensinar a estrutura linguística da língua inglesa, acreditamos que podemos desenvolver atividades que despertem nos alunos um maior senso de criticidade e outros saberes que são requeridos para a vida em sociedade.

Durante a criação das atividades, refletimos sobre o tipo de aluno que encontramos na nossa sala de aula, sobre o contexto no qual ele está inserido, suas necessidades e interesses. Também nos questionamos quais recursos disponíveis na *Internet* poderíamos utilizar para abordar os temas, quais tipos de textos e como eles deveriam estar dispostos, quais vídeos poderiam ser aproveitados para desenvolver uma atitude ativa e crítica do aluno, entre outras questões.

O professor que se preocupa em melhorar o ensino de línguas na era digital precisa refletir sobre o ambiente no qual se encontra e sobre as transformações que ocorrem nele. É impossível pensar nas mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas sem associá-las aos avanços tecnológicos. Por isso precisamos repensar em uma nova epistemologia, pensar sobre qual postura deve ser adotada pelo professor. Monte-Mór (2007) defende a epistemologia de *performance*, pois

⁵ O modelo *bottom-up* defendido por Gough (1972 apud DAVIES, F. 1995) reflete uma sequência de processamento da leitura: das letras para os sons, depois palavras, sentenças e finalmente para o sentido do pensamento expresso pelo texto.

repensar a epistemologia na era digital deve envolver pensá-la como práticas de saberes que refletem uma gama de estratégias para montar, editar, processar, receber, mandar e trabalhar com informação e dados de modo a transformar recursos diversos da 'digitália' em 'coisas que funcionam' (p. 32-33).

As atividades propostas por nós não surgiram através de modelos teóricos ou métodos pré-existentes. A proposta surgiu a partir da observação e da reflexão sobre como ter uma prática docente que possa se beneficiar dos adventos tecnológicos. Assim como sugerem Lankshear e Knobel (2003) e Monte-Mór (2007, 2012), tentamos assumir uma epistemologia de *performance*, uma vez que entendemos que precisamos de professores que possam ir além da transmissão de conhecimentos e que não sigam os modelos metodológicos de ensino que não se adequam ao seu contexto de atuação.

3 USO DO FACEBOOK FORA DA SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA

A coleta de dados foi realizada durante o primeiro semestre letivo do ano de 2015 com 40 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola da rede pública de ensino. Aqui procederemos com a análise de uma das atividades que foram realizadas no grupo do *Facebook*.

Na aula realizada no dia 28 de abril de 2015, em sala de aula, nós propusemos aos alunos a elaboração de um debate para discutir os pontos positivos e negativos da televisão. Inicialmente dividimos a turma em dois grupos; um grupo a favor e outro grupo contra a televisão. Os dois grupos deveriam elaborar argumentos que respondessem às seguintes perguntas que foram apresentadas pelo LD: A) *Is television harmful?*, B) *Does it promote violence?*, C) *Does it promote learning?*, D) *Is it a good source of information?*⁶

⁶ A) A televisão é prejudicial?, B) Ela promove violência?, C) Ela promove aprendizagem?, D) Ela é uma boa fonte de informação? (tradução nossa).

Depois de ter propiciado cerca de 20 minutos para que os alunos elaborassem os seus argumentos, solicitamos que cada grupo escolhesse um representante para que ele defendesse os argumentos já organizados, conforme as perguntas acima em um debate para a sala toda. Nesse momento, os alunos foram para frente da sala e o professor assumiu o papel de mediador do debate realizando as perguntas e estabelecendo o tempo da resposta, réplica e tréplica para que os representantes apresentassem os argumentos elaborados. Após a realização desse debate, os alunos realizaram uma atividade de leitura e compreensão textual proposta pelo LD que também abordava o tema “televisão”.

Para dar continuidade a temática trabalhada em sala sugerimos, nesse mesmo dia, a seguinte atividade no *Facebook*:

pôsteres *online*, chamados de Glog, com conteúdos educativos sobre temas diversos. Os pôsteres são criados através da importação de conteúdos disponíveis na *Internet* como gráficos, textos, vídeos, imagens, sons entre outros recursos.

Figura II – Glog criado pelo professor de língua inglesa sobre a televisão.

Televisão
For or against?

In my opinion...

Arguments in favor:

1. Television is a cheap source of entertainment.
2. Television keeps you informed about current events about science, politics, economy.
3. Many television programs introduce people to things they never thought of before and have never heard of before.
4. Television has been good company to those who do not work, like housewives, lonely old people, children, etc.
5. There are a considerable variety of programs on television. The viewer is always free to choose whatever he wants to see.
6. Television provides enormous possibilities for education.
7. People all around the world are no longer distant and isolated from each other. It brings most distant countries and the strangest customs right into your living room.
8. Television keeps people informed about the government and its programs.
9. Television keeps people informed about the weather, government and its programs, serious problems of the world.
10. People can be informed about special sales at stores.

Arguments against:

1. Television is a great time waster.
2. Television makes the viewer completely passive because they don't reflect about what they watch.
3. Television passes on to children the corrupting values of a corrupt society.
4. Television is to blame for the fact that children take longer to learn to read today.
5. Television takes up too much of our time. We no longer have enough time for hobbies, entertaining activities, sports or go out with our Family and friends.
6. Unfortunately all of our free time is now regulated by television.
7. Many parents use television as a pacifier for their children. They put their children in front of the TV set. They don't care whether it exposes children to rubbish, to violence and stupid commercials.
8. The more the viewer watches television, the lazier they become.
9. Television prevents people from communicating with each other.
10. People no longer see the need to read books when they can just watch it on television.

Video with subtitles: <https://www.youtube.com/watch?v=p9BLsC32o>
Or search for "Debate - For and Against television" on YouTube.com

Is TV BAD for you?

Fonte: <http://caamilasantos.edu.glogster.com/for-and-against-television> (2015).

No Glog criado estavam incluídos argumentos que poderiam ser utilizados pelos alunos para desenvolver a resposta para a pergunta apresentada *Is television bad for you? Yes or No?*, havia um vídeo entre duas pessoas comentando alguns aspectos positivos e negativos da televisão em língua inglesa, como também imagens relativas ao tema.

A princípio percebemos que alguns alunos utilizaram alguns dos argumentos apresentados no Glog para elaborar as suas respostas. Analisamos que eles fizeram uma relação entre as informações apresentadas no Glog e o conhecimento prévio que eles tinham sobre o tema para responder à questão. Jófili (2002) afirma que, para que o ensino seja baseado em uma abordagem crítica construtivista, deveríamos considerar que os alunos se envolvam na construção de elos entre os seus conceitos prévios para que ocorra uma reestruturação das ideias, como também deveríamos compreender que a aprendizagem não acontece apenas a partir da aquisição e extensão de novos conceitos, mas que acontece também através da reorganização e análise crítica desses conceitos.

Acreditamos que esse processo de construção do conhecimento é de grande valia, uma vez que os alunos podem reorganizar, sistematizar e aperfeiçoar os conhecimentos já adquiridos fora da escola. Também compreendemos que o fato de o tema abordado fazer parte da cultura dos alunos os ajudou bastante na elaboração dos argumentos.

Para a elaboração deste trabalho, selecionamos os comentários elaborados no grupo *FunEnglish* por quatro alunos participantes da pesquisa. A partir de agora, eles serão identificados por meio das siglas P1, P2, P3 e P4 para que possamos preservar a identificação dos alunos.

Nos comentários abaixo, podemos observar como P1 e P2 utilizaram os argumentos apresentados no Glog para produzir os deles.

P1: Por um lado a televisão é boa por causa dos programas educativos desenhos educativos, jornais mas por outro lado a

televisão não é uma coisa tão boa como você pensa por causa dos filmes e novelas com bastante violência e sexo explícito acaba influenciando na vida de crianças e adolescentes a cometerem crimes graves

P2: e eu ainda não mudo minha opinião e ponto de vista. agora mesmo as 16:38 está passando tv escola sala de professores, clubety e etc... a televisão mostra fatos que mexe com a sociedade como; a revolução e revolta contra a diretora que teve na escola do paraná, o terremoto no Nepal que já ultrapassa quase 12 mil vítimas entre ela mortos e feridos ou pessoas nos escombros, como também as mortes dos cristãos pelo grupo radical islâmico, crises economicas, os protesto (*sic*) e greve dos funcionários e professores do estado, a corrupção na petrobrás (A lava jato), a queda e aumento do dólar... e entre outros.

Entendemos que a criação do grupo no *Facebook* contribuiu para criar uma situação real de comunicação, na qual os alunos puderam argumentar de forma mais consciente, opinar, concordar e discordar através da discussão sobre a temática que foi desenvolvida pelos comentários. É importante que durante o processo de aprendizagem o professor propicie um ambiente para que os alunos possam refletir sobre suas ideias e compreenda que os colegas possuem ideias diferentes, mas que também são válidas (JÓFILI, 2002).

De acordo com Kumaravadivelu (2012), podemos dizer que na perspectiva de pós-transmissão adotada por nós, é possível que além do professor transmitir um conjunto de conhecimentos pré-determinados, pré-selecionados e pré-sequenciados, o aluno também seja responsável por buscar suas próprias informações. A forma como eles são capazes de analisar, selecionar e organizar as informações para responder às

questões propostas nos faz reconhecer que esses alunos não são apenas consumidores do conhecimento, mas se posicionam enquanto produtores ativos do saber.

Ainda percebemos que os alunos apresentaram um bom nível de criticidade em relação à televisão. Eles apresentaram argumentos que demonstravam a insatisfação com o horário de alguns programas, com a classificação indicativa de idade, com o conteúdo apresentado em algumas novelas e com a falta de supervisão dos pais em relação aos tipos de programas que as crianças assistem. Compreendemos que os alunos estão se posicionando de forma mais ativa, estão analisando com mais atenção quais tipos de informação estão recebendo das mídias e questionando como isso pode influenciá-los de alguma maneira. Em seguida, ilustramos, a partir dos comentários feitos por eles, como eles se posicionaram diante da temática apresentada:

P3: Mais devemos entender também, que a TV esta mostrando exatamente oque esta acontecendo na sociedade,mais *(sic)* de certa forma influência outras pessoas a fazerem,e isso fica cada dia mais comum.Não podemos deixar a TV comandar nossa cultura,nossa educação, nossas vidas,nem tudo oque vemos na TV devemos fazer,isso é oque muitas pessoas não entendem.A TV esta de certa forma, destruindo a união da familia Brasileira,assim como a internet,pois elas estão ligadas uma a outra.Hoje em dia,é raro uma familia comer todos juntos na mesa,sempre estar um na frente da TV,conectado a internet,ou algo do tipo.

P4: Aí vem o lado ruim da televisão, no lugar de esta passando programas educacionais passa é novelas onde passam cenas imorais, passa filmes que Nn podem serem vistos para menores de 18, mas ainda assistem ! Passa tbm até msm em jornais onde mostra tudo, até o plano do que foi feito tipo em assaltos, isso influenciam muito nas vidas de muitas pessoas,

principalmente na das crianças q tudo que vêem querem fzf
(sic)!!!

Durante a realização dessa atividade, pudemos perceber que o professor pôde interagir mais com os alunos, pois eles requeriam a participação dele durante a discussão dos comentários. Os alunos elaboraram perguntas para que o professor também pudesse expor suas ideias sobre o tema.

P2: e Vc prof: quando a senhora tiver filhos, como a senhora vai
lhe dar (sic) com a educação de seus filhos, em relação a TV?

P3: VC deixaria seus filhos assistirem?

Também foi possível que o professor realizasse outras perguntas durante a discussão pelos comentários do *Facebook* para que os alunos pudessem se envolver ainda mais, apresentando mais argumentos a respeito do tema discutido, desenvolvendo o senso crítico.

PROFESSOR: E vocês? Fazem algum tipo de seleção em relação
à quais programas assistir ou não? Ou assistem de tudo um
pouco?

PROFESSOR: Na sala e em alguns comentários o pessoal acha
que tanta violência na TV vai influenciar o comportamento das
pessoas. Você acha que a violência dos programas que você
gosta está te influenciando? *(Pergunta direcionada a uma
aluna que informou que gostava de programas e filmes com
violência, terror e ação)*

PROFESSOR: vocês falaram sobre as crianças assistirem
programas inapropriados para a idade delas... de quem vocês
acham que é a responsabilidade sobre os programas que elas

assistem? Os pais devem controlar o uso da TV? Ou apenas a classificação indicativa de idade (livre, 10, 12, 14, 16 ou 18 anos) é suficiente?

Comparando a atividade realizada no *Facebook* com o debate que foi realizado ainda em sala de aula sobre a televisão, percebemos que a primeira foi mais significativa pelo fato de que na sala de aula não tivemos a oportunidade de conhecer a opinião de cada aluno. Mesmo assim, compreendemos que a atividade em sala funcionou como um levantamento do conhecimento prévio dos alunos e como uma esquematização dos argumentos que poderiam ser utilizados em outro momento através do *Facebook*. Já no ambiente virtual, pudemos observar como cada aluno elaborou os argumentos, como eles interagiram entre si e como eles relacionaram os conhecimentos adquiridos fora e dentro do ambiente escolar.

Observamos que a interação entre o professor e os alunos ocorreu de maneira mais satisfatória no ambiente virtual, aparentemente os alunos ficaram mais desinibidos para questionar o professor e debater com ele. Como também o professor pôde direcionar perguntas específicas para alguns alunos de acordo com as respostas apresentadas ou realizar mais perguntas para que todos respondessem. Em sala de aula, o tempo é bastante reduzido para que seja realizada uma discussão tão abrangente como foi feita no grupo *FunEnglish*. A discussão no grupo ocorreu por mais de uma semana, pois sempre havia mais um comentário ou outros questionamentos a serem discutidos pelo professor e pelos alunos. O tema abordado não foi apenas discutido no pequeno espaço de tempo reservado para as aulas de LI.

O posicionamento didático que assumimos para a elaboração desta atividade é vista por Kumaravadivelu (2012) como uma perspectiva de pós-método, uma vez que não assumimos um modelo metodológico pronto, que foi concebido a partir da realidade de salas de aulas idealizadas, sem levar em consideração as necessidades dos professores e dos alunos e a variedade de contextos existentes. O autor ainda

argumenta que não existe o melhor método, por isso o professor tem autonomia para saber como ensinar sem modelos pré-existentes.

Portanto, estamos assumindo um novo modo de produzir cultura e gerar conhecimentos, para que novas reflexões na educação sejam provocadas. Ao iniciarmos nossos estudos acerca do uso das ferramentas digitais nas aulas de língua inglesa, percebemos que muitas pesquisas apontam sobre a necessidade de incluí-las, mas não indicam ou demonstram como os profissionais da educação poderiam levá-las para as suas salas de aula de maneira que o uso das tecnologias ocorra “no bojo de uma inovação pedagógica de modo a evitar o uso apressado de “novas tecnologias com velhas pedagogias” (BELLONI, 2002, p. 62-63). Assim sendo, gostaríamos de colaborar para que outros professores possam ampliar suas perspectivas em relação ao uso das TIC na escola ou, de alguma forma, inspirá-los para utilizá-las a partir de uma nova percepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto professores, nos questionamos como poderíamos envolver os alunos em práticas letradas na escola que também estejam presentes na sociedade? Enfrentamos o desafio de saber lidar com as novas tecnologias sem fazer uso de velhas pedagogias. Assumir uma epistemologia de *performance* nos faz repensar os modos de fazer a educação, em aceitar que existe novos modos de produzir e receber conhecimentos através do ambiente digital.

A relação de ensino e aprendizagem requer do professor, seja de línguas ou de qualquer outra área, reflexão sobre a sua ação para tentar descobrir, criar e elaborar métodos alternativos e atividades que tenham a maior probabilidade de engajamento ativo e crítico dos alunos. Além de ensinar os conteúdos já estabelecidos pelo currículo, o professor precisa oferecer aos alunos momentos em que eles desenvolvam outras formas de raciocínio, a criatividade e que aprenda a selecionar e organizar as informações encontradas nos ambiente virtual.

Através da nossa experiência com a utilização do *Facebook* nas aulas de LI, compreendemos que o processo de ensino e aprendizagem pode ser realizado com maior interação e colaboração entre alunos e professores. Além disso, ultrapassar os limites das paredes da escola e o tempo limitado de aula que temos são outras vantagens propiciadas pela prática docente através da rede social.

Ainda percebemos a falta de interesse de alguns alunos em utilizar o *Facebook* enquanto recurso para a aprendizagem, mesmo que tenha sido pela minoria é um fato que nos chama a atenção, já que eles reclamam constantemente sobre os poucos recursos didáticos oferecidos pela instituição escolar e utilizados em sala de aula, como o livro, o quadro e o pincel. Alguns alunos ainda enxergam o *Facebook* apenas como uma forma de entretenimento, e isto pode dificultar a inserção desta rede social para a aprendizagem e apresentar certa resistência em participar das atividades que foram propostas.

Sem dúvida, o momento sócio histórico que nos encontramos faz com que os professores procurem a transformação e/ou melhoria das suas práticas docentes para o ensino de inglês com a integração das TIC. Mesmo que ainda não exista um método disponível para que nos indique como é possível utilizar as TIC enquanto recurso pedagógico, o professor é autônomo para fazer as suas escolhas, para adequar a sua prática docente às novas práticas letradas da contemporaneidade, alinhando-se com as perspectivas de pós-transmissão e pós-método apresentadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- BELLONI, M. L. (Org.). **A formação na sociedade do espetáculo**. 1 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- COPE, B., KALANTZIS, M. **Multiliteracies: New Literacies, New Learning, Pedagogies: An International Journal**, Vol. 4, 2009, p. 164-195.
- CORACINI, M. J. R. R. O olhar da ciência e a construção da identidade do professor de língua. In: _____. BERTOLDO, E. S. (Org.) **O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula (língua materna e língua estrangeira)**. Campinas: Mercado das Letras, 2003, p. 193-210.

DAVIES, F. Studying the reading process: models of reading. In: _____. **Introducing reading**. [S.l.]: Penguin, 1995. p. 57-83.

JÓFILI, Z. M. S. **Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola**. Revista Educação Teorias e Práticas, ano 2, n. 2, dez. 2002. p. 191-208.

KUMARAVADIVELU, B. (Re)visioning language teacher education. In: _____. Language teacher education for a global society: a modular model for knowing, analyzing, recognizing, doing, and seeing. New York, London: Routledge, 2012. p. 1-19.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Digital epistemologies: rethinking knowledge for classroom learning. In: _____. **New Literacies: changing knowledge and classroom learning**. New York: Open University Press, 2003. p.155-177.

MONTE-MÓR, W. Linguagem Tecnológica e educação: em busca de práticas para uma formação crítica. In: SIGNORINI, I.; FIAD, R. S. (Orgs.). **Ensino de língua: das reformas, das inquietações e dos desafios**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2012. p. 171-190.

_____. Foreign languages teaching, education and the new literacies studies: expanding views. In: GONÇALVES, G. R. et al. (Org.). **New challenges in language and literature**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 177-189.

_____. **Linguagem Digital e interpretação: perspectivas epistemológicas**. Trabalhos em linguística aplicada. Campinas, v. 46(1), p. 31-44, jan/jun. 2007.

MOREIRA, H, CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.